

---

## **EDUCAÇÃO NO BRASIL-COLÔNIA: UM PROJETO CIVILIZADOR PORTUGUÊS**

Raquel Filomena da Silva Maciel (UFCG)  
E-mail: raquelufcg@hotmail.com  
Orientador: Dr. João Marcos Leitão Santos

### **Considerações iniciais**

Estas reflexões resultam da uma incursão bibliográfica iniciada e que tem como perspectiva maior considerar as relações entre cultura e religião no Brasil. Aqui nos propomos a apresentar o ambiente que caracterizou o século XVI na América portuguesa, e realçar algumas iniciativas do agente colonizador com vistas a fazer prevalecer seus valores e perspectivas de um processo civilizatório para o mundo recém descoberto.

### **O caráter de um povo: definição do temperamento indígena**

Ao analisar como se constitui o referencial instrutivo de um indivíduo, percebe-se que será conduzido dentro do contexto educacional, voluntária ou involuntariamente, a modos de pensar específicos; por isso as peculiaridades que demarcam a formação humana adotadas pelos sujeitos estarão impregnadas das circunstâncias circundantes e de acordo com os hábitos, as características geográficas e raciais com as quais ele tem contato direto. Dessa forma, a adoção de práticas e saberes oriundas do senso comum da coletividade na qual ele se insere influencia-o definitivamente.

Desta perspectiva Fernando de Azevedo discorre confirmando que a dimensão psicológica dos homens se constitui neste quadro ambiente, e afirma:

Não é somente pelas peculiaridades de sua vida, de seus costumes, de sua língua e de suas instituições que um povo ou, mais geralmente, um grupo humano se distingue dos outros. É também pelo seu temperamento e caráter coletivo. Produto de grande variedade de fatores, geográficos, étnicos, econômicos e sociais, dos quais os dois primeiros têm um papel importante mas não preponderante, na sua formação, o caráter coletivo é uma síntese de elementos os mais diversos, concordantes e resistentes, que se

combinam ou tendem a combinar-se marcando a fisionomia original de um povo ou de um nação. (AZEVEDO, 1996, p. 199).

Assim, o temperamento do povo indígena, como de qualquer povo, está vinculado a agentes externos como os mencionados por Azevedo, sem necessariamente operar pela via dos princípios deterministas, mas percebendo a realidade de um ambiente ou etnia, baseando-se a hábitos coletivos, que refletem no comportamento individual. Assim, as influências que os nativos brasileiros durante o período que abrange o século XVI, sofreram não serão de todo adotadas, mas seus hábitos anteriores aquele permanecerão sofrendo influências portuguesas, mas jamais serão totalmente extintas. Independente de como a educação colonizadora foi imposta aos povos indígenas, é importante destacar que suas peculiaridades foram adquiridas e mantidas que forjava sua identidade até o ingresso efetivo português se perpetuou nas etapas subseqüentes, quando o sucesso inicialmente alcançado pela Companhia de Jesus não acontecia mais. Azevedo confirma tal inferência ao dizer:

Certo, índios e negros não só contribuíram de maneira notável na colonização e conquista do Brasil, como se caldearam, misturando-se com os portugueses, mais intensamente nos primeiros dois séculos, e em proporções variáveis, nas diversas regiões do território.(...) Não se pode, pois, nem do ponto de vista racial, nem do ponto de vista econômico, subestimar a importância dessas contribuições, na composição étnica e na formação da mentalidade do povo brasileiro (AZEVEDO, 1996, p. 201) .

## **O descobrimento do Brasil**

É evidenciada a dúvida por diversos historiadores acerca da intencionalidade da viagem realizada por Pedro Álvares Cabral em 09 de março de 1500, no que se refere ao descobrimento ou ao “achamento” da terra de Vera Cruz: se os portugueses tinham interesse de percorrer uma outra rota para as Índias, se sua finalidade era descobrir por acaso ou realmente “achar” o que se procurava, uma terra inexplorada até aquele momento, por talvez terem evidências de que navegantes antes de 1500 avistaram-na.

Importante é externar que os portugueses possuíam uma habilidade respeitada em navegação comparando-se com outras nações européias; daí, não foi estranho sua ousadia em percorrer os oceanos seja com o intuito de “achar” uma terra que talvez

---

viajantes acreditavam existir antes da viagem realizada por Cabral, seja para serem os precursores da exploração do Oriente através de uma nova rota.

Um fato é que pelos portugueses foi oficialmente descoberta a terra Brasil em 22 de abril de 1500 pelo líder daquela navegação, Álvares Cabral. Encontraram muitos homens pardos e nus, e, logo buscou-se um primeiro diálogo com eles, sem êxito, pois a linguagem pronunciada pelos nativos era a que os portugueses jamais tinham ouvido até aquele momento. Através do oferecimento de presentes e com gestos começou a acontecer o entendimento entre os índios e os colonizadores ibéricos, esses não demoraram a fazer a primeira missa com seus rituais e tradições católicas, na colônia cujo nome foi logo alterado para “Terra de Santa Cruz”.

A exploração de Portugal junto as terras brasileiras não ocorreu no mesmo período em que aconteceu o descobrimento. Em razão do Oriente possuir mais retorno financeiro junto a metrópole portuguesa no início do século XVI do que a terra recém descoberta contribuiu para ocorrer praticamente o abandono do Brasil por parte desse país entre 1500 e 1530, e eles assim irem em busca das almejadas especiarias da Índias, afim de deixar a dependência que Portugal possuía junto a Veneza, pois, a Itália era o país que monopolizava e fornecia os produtos mais almejados por toda a Europa naquele período, detendo também o controle das fronteiras entre a Europa e a Ásia.

### **Contatos entre os Índios e os Portugueses**

Existiam diversas tribos indígenas nas terras brasileiras durante o descobrimento, mas aquela que predominava nas regiões litorâneas no primeiro momento, era a tribo Tupi. Os índios exerciam diversas atividades, como Sérgio Buarque de Holanda afirma: “Praticavam a horticultura, a coleta, a caça e a pesca, possuindo o equipamento material que permitia a realização dessas atividades econômicas”. (HOLANDA, 1972, p. 73). Eles produziam para sua própria subsistência, não buscavam a o mantimento de excedentes e se deslocavam periodicamente, fazendo assim com que a natureza se reproduzisse.

Nos momentos de possíveis diálogos, os nativos demonstravam muita cordialidade, ficando vislumbrados com os objetos que o povo luso tinha ostentava; os

índios possuíam também certa ingenuidade, pois, ao verificaram ouro em Cabral, logo sinalizavam que nas terras brasileiras havia aquele tipo de metal e propunham troca de objetos de menor significado econômico que os portugueses tinham consigo. Na carta de Pero Vaz de Caminha, ele afirmava a preocupação que deveria existir dos portugueses salvarem os índios:

Parece-me gente de tal inocência que se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm nem entendem nenhuma crença. E, portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar, aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nossa Senhor, que lhes deu bons corpos e bons homens por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. (...) Águas são muitas.; infindas. E em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

No entanto, Portugal deixou de lado durante mais de 40 anos esse interesse e preocupação, e passou a demonstrar, depois que as condições religiosa, econômica e social do país luso ficaram enfraquecidas.

### **Motivos para os portugueses instruírem os índios**

Os índios tinham todo um comportamento peculiar. Pelas condições climáticas do Brasil ser predominantemente tropical, eles sempre andavam nus, praticavam ritos tribais, eram poligâmicos, dividiam-se morando em malocas ou habitações coletivas, além de haver o canibalismo em algumas tribos. Para os colonos portugueses, os índios não eram civilizados e sim bárbaros, desprovidos de quaisquer comportamentos “corretos”. Dessa forma, a desordem era presente nas terras brasileiras, segundo um dos cronistas precursores que escreveu acerca do processo de colonização portuguesa em terras americanas, Pero Magalhães Gandavo, indicando que, sobretudo na região litorânea brasileira os nativos desconheciam o que era ter Fé, Lei e Rei, e, Luiz Carlos Villalta se remete a visão de Gandavo acerca dos índios ao exteriorizar: “Língua, instrução e livros, nesse quadro, em termos das expectativas metropolitanas, deveriam desenvolver-se sob a égide de um Rei, uma Fé e uma Lei” (VILLALTA, 1997, p.333).

---

Mas, devido a influência que foi involuntariamente exercida pelos índios junto aos portugueses que aqui habitavam, a língua portuguesa durante algumas décadas do século XVI não foi muito utilizada e sim, algumas das línguas indígenas do Brasil, misturadas com outras línguas de europeus que passaram a ter contato com os habitantes daqui, franceses, sobretudo.

### **Educação e Religião no Brasil Colônia**

A partir de 1549 através da vinda de 1º Governador-Geral do Brasil, Tomé de Sousa, é que o interesse em “educar” os povos indígenas por iniciativa portuguesa formal ganhou efetividade. Junto de Tomé de Sousa, as Companhias de Jesus lideradas pelo padre Manuel da Nóbrega passa a atuar nas terras brasileiras. Sabe-se que na conjuntura da Europa uma ameaça ao poderio da religião católica através da Reforma

Protestante era uma realidade que atingia diversos países, convertendo-os a um diferente modo religioso de pensar, enfraquecendo a fé católica naquele instante<sup>1</sup>. Diante da expressiva disseminação protestante, logo os católicos resolveram criar uma forma de frear o avanço desenfreado dessa ameaça ao poderio católico e através da chamada “Contra-Reforma”, e é nela que o Brasil entra em cena e a educação portuguesa aconteceu na “terra dos papagaios” (nome dado ao país por alguns visitantes que encontraram aqui muitas dessas aves) até o momento pouco lembrada, exceto quando o interesse era a busca de pau-brasil ou da presença de ouro. Temendo que a França se estabelecesse com essa religião no Brasil, Portugal veio ao país já como os jesuítas em 1549 e estabeleceu as missões (que eram aldeamentos) na quais poderiam influenciar melhor o que era difundido aos nativos, limitando a quantidade de índios em cada aldeamento, inserindo nelas igrejas, escolas, cemitérios e praças. As Companhias de Jesus tinham duas funções: Religiosa: para estabelecer como seria a orientação religiosa a ser seguida pelos nativos, caso eles quisessem alcançar a salvação; e

---

<sup>1</sup> Com o apoio de vários monarcas europeus, o protestantismo se difundiu, chegando intensamente na França, Holanda, Genebra, Suíça, Escócia, Inglaterra, além de ter influenciado a terra natal do precursor da Reforma Protestante, Martinho Lutero: a Alemanha.

---

educacional: Ensinando as letras e como se comportar e como viver “civilizadamente” em comunidade moldando-se a realidade e aos costumes indígenas.

### **Religião e Educação no Brasil: experiências indissociáveis**

Percebendo que havia um pano de fundo no intuito de Portugal educar e catequizar o Brasil e que a intencionalidade jesuítica não era apenas de instruir “os bárbaros”, Adolpho Crippa ao citar Fernando de Azevedo, defendeu: Na afirmação de Fernando de Azevedo havia, nesse tipo de ensino, um desinteresse quase total pela ciência e pelas atividades técnicas e artísticas. Na Colônia e na Metrópole mantinham-se fechados à análise e à crítica, à pesquisa e à experimentação. O espírito de reformas e de livre exame era combatido, pois os jesuítas, como a Contra-Reforma, queriam salvaguardar os ideais da ortodoxia católica, daí, advinha a insistência em salvaguardar o dogma e a autoridade. (...) Os jesuítas, porém, não se limitaram no século XXI à *missão civilizadora aliada às escolas* de ler e escrever (AZEVEDO apud. CRIPPA, 1978, P. 40) - (grifo nosso).

Assim, a intencionalidade quando se refere em educar os índios esteve mais atrelada ao esforço de construir uma reprodução de valores portugueses europeus, através da promoção de comportamentos “civilizados” adaptando os hábitos indígenas aos hábitos portugueses. Embora que a intenção dos portugueses fosse estabelecer a cultura também através da língua e da religião, naquele momento não houve condições para efetivar o projeto, devido a impossibilidade de educar os índios ainda hostis, pois não era fácil extinguir de uma vez o que eles sabiam e desenvolveram antes do processo de colonização.

Em se tratando do ensino religioso havia uma maior intensidade, eram os índios instigados para adotarem os rituais católicos. Durante a atuação das missões e dos jesuítas no Brasil, a França, por diversas vezes tentou penetrar no país e Portugal tinha uma incansável preocupação com a possibilidade de um estabelecimento de caráter mais duradouro. No plano das idéias mediado pelo contexto religioso/educacional era imprescindível os colonos luso-brasileiros conseguirem que os índios fossem seus aliados e era trabalhando o universo mental dos nativos essa ideia, de que havia uma

espécie de aliança entre os portugueses e os índios, mas os franceses e até os holandeses que também estavam interessados nas terras brasileiras durante esse período, deveriam ser tachados pelos índios sob orientação portuguesa, de inimigos.

Apesar de alguns índios se aliarem aos franceses (pois esses eram muito dóceis com os nativos) para a ajuda desses a serem inseridos no território brasileiro, Portugal tinha apoio de muitos índios, e, os franceses fracassaram em diversas tentativas entre 1555 e 1616. Não pode ser esquecido que o padre José de Anchieta (um dos mais importantes jesuítas) teve um papel decisivo na luta para o alcance da expulsão hugenote. Desde 1553 Anchieta veio ao Brasil contribuir para evangelizar/educar os índios, foi tão engajado que elaborou peças teatrais para dinamizar a catequização dos índios, além de ter estudado minuciosamente o idioma tupi.

A Companhia de Jesus, criou alguns colégios em algumas capitais brasileiras, mas ensinava erudição, livros como Eneida de Cícero eram muito estudados, contudo junto aos filhos de portugueses vindo da metrópole, os índios não eram mais atingidos nessa educação.

## **Conclusão**

O papel dos Jesuítas na América Portuguesa esteve plenamente vinculada as transformações ocorridas no continente europeu ao longo do século XVI, mas teve influencia decisiva anteriormente com a expansão marítima do século XV que motivou a descoberta ou achamento do Brasil e conseqüente subordinação desse território a

Portugal. Sendo posta nos índios através dos colônos, que sua conversão ao catolicismo era uma forma de livrá-los da escravidão situação na qual poderia acontecer caso os nativos se aproximassem dos franceses e holandeses.

Na religião (na católica não é diferente) existe implicitamente e caráter educacional, não necessariamente através das letras, mas quando atenta-se para o cunho ideológico presente em cada uma delas destacando-se o cristianismo. As condutas adotadas sejam tendo como referência a bíblia mais presente no protestantismo ou atrelada a tradições como no catolicismo; a presença da disciplina, da sua vida pautada

---

em limites e em condutas, lá está a prática educacional, em seu sentido formativo. Mesmo se nas missões não houvesse a função educacional explícita, foi de sua função religiosa e da adoção de práticas caracterizadas formalmente como educativas, que o projeto civilizatório foi fortalecido.

### **Referências Bibliográficas**

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 6. ed. Brasília: Editora UnB, 1996

VILLALTA, Luis Carlos, In: NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada do Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **A época colonial: Do descobrimento à expansão territorial**. 4. ed. São Paulo: Difusão européia do livro, 1972.

**Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil**. São Paulo: Martim Claret, 2005.

CRIPPA, Adolpho. **As idéias filosóficas no Brasil: século XX parte II**. São Paulo: Convívio, 1978.